



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
COM O DEFICIENTE INTELECTUAL**

CRISTIANE ALVES CARDOSO

ORIENTADORA: PATRÍCIA CRISTINA CAMPOS RAMOS

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



BRASÍLIA/2011

CRISTIANE ALVES CARDOSO

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
COM O DEFICIENTE INTELECTUAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Anápolis. Orientadora:
Professora Patrícia Cristina Campos Ramos

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIANE ALVES CARDOSO

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
COM O DEFICIENTE INTELECTUAL**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16 / 04 /2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Orientadora: Mrs. PATRÍCIA CRISTINA CAMPOS RAMOS

Avaliadora: Profa. MEIRE LEÃO DIAS DE SOUZA

Aluna: CRISTIANE ALVES CARDOSO

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que me ensinaram, incentivaram e que, de alguma forma, colaboraram com a minha formação acadêmica, profissional e pessoal até o momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à diretora, que permitiu a realização deste trabalho de pesquisa na instituição escolar.

À minha companheira de trabalho, Noélia, sempre prestativa e que me auxiliou e incentivou em vários momentos de “sufoco”

Ao meu companheiro para todas as horas, Fernando, que esteve presente e participativo direta e indiretamente na realização desta.

À minha orientadora, Patrícia C. Campos Ramos, pela paciência e dedicação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi estudar e colocar em prática estratégias para facilitar o processo de ensino-aprendizagem com crianças com Deficiência Intelectual. A metodologia empregada buscou alcançar resultados qualitativos, através do acompanhamento da vida acadêmica e sócio-cultural de um aluno com deficiência intelectual, matriculado em turma regular de uma escola pública do DF. Os resultados alcançados demonstraram que o acompanhamento diferenciado e adequado às especificidades e necessidades do aluno contribuiu, significativamente e positivamente, no processo de ensino-aprendizagem. A conclusão a que chegamos, inspirados em Vigotski, é que o olhar do educador deve estar sempre voltado para as potencialidades do educando e nunca, como corriqueiramente ocorre, para as suas deficiências e limitações.

PALAVRAS CHAVES: Deficiência intelectual – Ensino- aprendizagem – Estratégias – Inclusão Escolar

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1. A escola	12
1.1. Atendimento Educacional Especializado	13
2. Deficiência Intelectual	14
2.1 Conceito	15
2.2 Nomenclatura	16
2.3 Diagnóstico	18
II – OBJETIVOS	19
III – METODOLOGIA	20
3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia	20
3.2. Contexto da pesquisa.....	20
3.2. Participantes	21
3.4. Materiais.....	24
3.5. Instrumentos de Construção de Dados	24
3.6. Procedimentos de Construção de Dados	25
3.7. Procedimentos de Análise de Dados	27
IV – RESULTADOS	28
1. Registro das Escolas Anteriores	28
2. Entrevista.....	30

3. Portfólio.....	33
4. Diário de campo	33
V – DISCUSSÃO	38
VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE.....	44
A - Roteiro da Entrevista	44
B – Entrevista Degravada	47
ANEXOS	56
Anexo A – Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	56
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (modelo)	58
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)	59
Anexo D – Relatório Psicopedagógico	60
Anexo E – Relatório de Apoio ao Docente	64
Anexo F – Relatório Médico	66
Anexo G – Relatório Descritivo.....	67

APRESENTAÇÃO

A realização desse trabalho foi motivada pelas experiências com Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEEs), uma vez que, desenvolver um trabalho inclusivo com essas crianças não é tarefa fácil. Muitas vezes a falta de conhecimento sobre o assunto nos faz “pecar” no processo de ensino aprendizagem das mesmas.

Receber um aluno com Deficiência Intelectual (D.I) ¹ em sala regular parece ser mais complexo, ainda, afinal de contas, os primeiros passos a serem dados no seu processo educativo acabam sendo uma incógnita, pois, sabemos que para trabalhar com os outros tipos de deficiência, existe sempre um ponto de partida: os cegos têm o braille; os surdos/mudos, a língua de sinais; os deficientes físicos, as adaptações no meio em que vivem. Com isto, no presente estudo, abordamos as Estratégias de Ensino-Aprendizagem para o D.I, explorando aspectos históricos sobre alunos com D.I, alguns avanços nos estudos da área, nomenclaturas e conseqüências dessa deficiência. Além da parte teórica, será descrita uma experiência de trabalho, que foi desenvolvida com aluno D.I, apontando possíveis avanços no processo de ensino aprendizagem.

O contato com ANEE promoveu a curiosidade de como desenvolver um trabalho significativo para essas crianças, uma vez que apresentam características bem particulares em função da deficiência. Com a pouca experiência com essas crianças, pude perceber que a falta de concentração e as limitações, ao que se referem a raciocínio lógico matemático e interpretação do que é lido, são algumas das características particulares de um aluno com D.I.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral compreender o processo de ensino aprendizagem de uma criança diagnosticada com Deficiência Intelectual, que cursa o 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do Distrito Federal. Através do trabalho realizado, mostrou-se perceptível certa dificuldade por parte do aluno com D.I, em construir conhecimento como os demais educando de ensino regular, e por isso, devemos conhecer as causas e conseqüências desta síndrome, para saber como realizar um trabalho significativo para esse aluno, dando oportunidade de construção do conhecimento proposto no currículo escolar e os usados no seu dia a dia.

¹ Vale ressaltar, aqui, que o termo Deficiência Intelectual é novo e muitas literaturas ainda referem à Deficiência Mental.

Para a realização desse trabalho, foi escolhido um aluno com D.I, matriculado na rede pública de ensino no 4º ano, turma esta que sou professora regente. Foi observado durante o segundo semestre de 2010, ano e semestre que passou a frequentar a instituição escolar, transferido de outra escola. As informações foram construídas no decorrer das aulas através das atividades propostas, enquanto eram registradas em um “diário de campo”, com informações relevantes ao desenvolvimento do mesmo e, concomitantemente, condicionado a um portfólio. Foram coletadas, ainda, informações a respeito do desempenho do aluno na sala de recursos, e com auxílio de documentos do aluno entregues na secretaria da escola, além da entrevista realizada com a mãe, foi possível conhecer detalhes da trajetória da vida escolar da criança observada.

Desse modo, essa monografia está estruturada nos seguintes capítulos:

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica está voltada para as literaturas, as quais fundamentarão o trabalho sobre o assunto. Dentro do contexto, as características de uma escola inclusiva e a importância do Atendimento Educacional Especializado, além de relatos dos fatos históricos que permeiam essa doença englobando conceito, nomenclatura e diagnóstico serão fundamentados.

II. OBJETIVOS

Os objetivos apresentados estão divididos em gerais e específicos, sendo que, o objetivo geral foi construído a partir do tema da monografia, e os específicos particularizam algumas questões levantadas.

III. METODOLOGIA

Neste capítulo será apresentada a metodologia aplicada para a pesquisa, explorando ainda o contexto em que a pesquisa foi realizada, descrevendo os participantes, materiais utilizados e os instrumentos de construção de dados.

IV. RESULTADO

Serão apresentados, neste tópico, os resultados construídos através dos procedimentos e instrumentos para a realização de construção de dados.

V. DISCUSSÃO

Neste capítulo, os resultados serão discutidos partindo de informações adquiridas na pesquisa, em diálogo com a literatura, tendo em vista fazer uma análise da prática escolar.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições que poderão surgir deste trabalho serão agrupadas nas considerações finais.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação inclusiva está ampliando seus horizontes. Influenciada por diretrizes internacionais, vem se constituindo como prioritária na legislação brasileira. Por existir alguns grupos excluídos, o termo educação inclusiva veio para integrá-los ao meio. Não é a toa que a educação inclusiva se caracteriza como uma ampliação de acesso à educação dos grupos historicamente excluídos em função de sua classe, etnia, gênero, idade, deficiência, etc. (PLESTSCH E BRAUN, 2008).

A Declaração de Salamanca (ONU, 1994) afirma que a construção de uma sociedade inclusiva é um processo de fundamental importância para a manutenção de um Estado Democrático.

Sendo assim, a educação inclusiva é um processo amplo, no qual a escola desempenha papel importante, de modo a promover condições democráticas de participação dos alunos com NEEs no processo ensino aprendizagem. Vale ressaltar, que se deve considerar as singularidades de cada um, com ou sem apoio especializado, pois a escola é responsável em promover não só o acesso e a permanência, mas, também, o aproveitamento social e escolar do aluno com deficiência (PLESTSCH E BRAUN, 2008).

1. A Escola

É na escola que os direitos dos ANEEs são garantidos. Por esse motivo, a escola desempenha papel importantíssimo no processo inclusivo do aluno, pois através dela, o aluno pode obter mais conhecimentos e moldar aqueles que já adquiriram no seu contexto social. Sem contar que a dinâmica pedagógica promove a ampliação de conhecimentos e aquisição de novos conceitos, no momento em que o aluno entra em contato com os signos culturalmente construídos e compartilhados na escola ativando, assim, os mecanismos de compensação, organizando ou reorganizando qualitativamente suas ações no mundo (SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2009).

Para ser uma escola inclusiva, se faz necessário garantir a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade de cada indivíduo, ou seja, quando a escola estiver organizada para favorecer cada estudante independente de cor, idade, religião, condição social, deficiência entre outros. Além disso,

vale ressaltar que toda a comunidade escolar (gestores, professores, familiares e membros da comunidade) tem que ter participação consciente e responsável no cenário educacional (MEC, 2004).

A construção de uma escola inclusiva não é algo que possa ser feito da noite para o dia. Tudo é um processo e envolve toda a comunidade escolar. Nesse processo, temos as transformações de ideias, atitudes, mudanças também da prática das relações sociais políticas, administrativas e didático pedagógicas. O processo de mudança pode ser iniciado na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição Escolar, pois ele é um instrumento teórico-metodológico, que vai definir a relação da escola com a comunidade a qual irá atender. O PPP deixa claro o quê, o porquê, para quê, para quem e como se vai fazer para atingir os objetivos propostos, para que todos sintam que a escola é “de todos e para todos” (MEC, 2004).

1.1. Atendimento Educacional Especializado – AEE

O AEE decorre de um novo conceito de Educação Especial e é umas das condições para o sucesso da inclusão escolar dos alunos com NEEs. Por não ter sido bem esclarecido suas reais atribuições na Lei de Diretrizes e Bases da Educação/ 96 (LDB), ela ficou confundida como reforço escolar. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) não é um reforço escolar ou aula particular, como muitos pensam. Na verdade, esse atendimento visa estimular o aluno com D.I a avançar na sua compreensão, criando-lhe conflitos cognitivos para privilegiar o desenvolvimento e a superação de seus limites intelectuais. Ele pode ser realizado, por exemplo, em grupos, desde que no grupo sejam crianças com o mesmo nível de conhecimento e faixa etária (MEC, 2007)

Um aluno com D.I precisa desenvolver sua criatividade e inteligência como qualquer outra criança/aluno. Não é a toa que o AEE tem como objetivo propiciar condições e liberdade para que o aluno possa construir a sua inteligência, dentro do seu limite intelectual, tornando-se uma pessoa capaz de produzir significado/ conhecimento (MEC, 2007).

Vale ressaltar, que o AEE não deve ser feito em qualquer lugar. Faz-se necessário lugar adequado e próprio para este fim. O espaço deve ser preservado, tanto na escola especial como na comum, criado e utilizado unicamente para esse fim (MEC, 2007).

O AEE, a “priori”, atende aos alunos de posse de laudo médico. Com esse documento, o aluno passa a frequentar as atividades propostas em horário contrário às aulas.

Vale ressaltar, ainda, que no ato da matrícula, o responsável já informa se o aluno tem ou não laudo médico para Atendimento Educacional Especializado, assim, a escola organiza a formação das turmas de modo a atender a necessidade da criança.

2. Deficiência Intelectual

A Deficiência Intelectual afeta uma quantidade significativa de pessoas na população geral (2 a 3%) e das crianças em idade escolar (1%). No nosso país, 1,6% da população apresenta essa condição, valor provavelmente subestimado mas, suficiente para ser considerada como problema de saúde pública (MORAES, MAGNA & FARIA, 2006).

As pessoas com Deficiência Intelectual (D.I), que já foram tratados como loucos, vêm, pouco a pouco, conquistando o devido respeito à sua individualidade, em meio à sociedade. E as coisas não funcionavam como hoje. Encontrar uma criança com D.I era uma vergonha, pois de acordo com os relatos de Holmes (2001), elas eram consideradas pessoas “endemoniadas”, cuja cura só seria possível através de oração e exorcismo.

Essa visão começou a tomar outro rumo no momento em que Hipócrates tentou explicar, pela primeira vez, o que então se denominava comportamento “anormal” em termos de causas naturais, tendo o cérebro como órgão responsável pelos transtornos mentais. Os anos se passaram e os indivíduos chamados de “perturbados” foram reconhecidos como pacientes (termo que já está sendo revisto por seu papel ativo) e a promoção do atendimento humanitário a essas pessoas foi o passo seguinte, envolvendo melhorias de condições nas quais os pacientes viviam (HOLMES, 2001).

Apesar dos avanços, um “indivíduo perturbado” passou a ser considerado passível de ser educado somente no século XIX, com o trabalho realizado pelo médico Jean Itard com o menino Victor de Aveyron – conhecido como o “menino selvagem” (PLETSCH & BRAUM, 2008).

Hoje, sabemos que existem avanços significativos ao que se refere à educação especial e, mais propriamente, para o nosso foco de interesse, a Deficiência Intelectual. Neste sentido, a educação especial vem ganhando espaço com o passar dos anos. Muitos são os estudos que falam sobre educação de qualidade para Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE).

As políticas educacionais para o atendimento aos alunos com deficiência intelectual são mais concretas no Brasil a partir da Constituição Federal (CF) de 1988, que apresenta como um dos seus objetivos a garantia, o acesso e a permanência de todos na escola, sem distinção de raça, cor, sexo, religião (SILVA, 2009). Ainda referente à legislação brasileira, além da Constituição Federal (CF) e da própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, são apresentados avanços significativos no que se refere à Educação Especial. No seu artigo 208, apresenta um inciso que diz que o atendimento educacional especializado para ANEEs deve acontecer, preferencialmente, na rede regular de ensino (PAN, 2008).

Diante disso, se faz necessário proporcionar condições para que as instituições de ensino se tornem adequadas para receberem crianças com necessidades especiais. A escola que garante a qualidade de ensino a cada um de seus alunos, respeitando e reconhecendo as suas diversidades e, também, respondendo a cada indivíduo com suas potencialidades e necessidades, com qualidade pedagógica, fazem desta instituição uma escola inclusiva (MEC, 2004).

O trabalho a ser desenvolvido com crianças que apresentam peculiaridades em seu desenvolvimento requer considerações expressivas, no que se refere, inclusive, às suas interações sociais, para que se possa ter condições de realizar, com elas, um trabalho de qualidade. Neste sentido, Vigotski (1999) afirma que o conhecimento se constrói, primeiramente, entre pessoas e, depois, no interior do sujeito. Daí a importância do convívio com o aluno D.I interagir com pessoas diferentes dele.

2.1 Conceito

A deficiência Intelectual ainda é uma interrogação, além de objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento (MEC, 2007). Ela se caracteriza por registrar um funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, impossibilitando o indivíduo em responder, conforme se espera, às demandas da sociedade, nos aspectos de comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho (BRASIL, 1994).

A definição de D.I ainda é muito debatida em função de sua complexidade. Por exemplo, segundo a Associação Americana da Deficiência Mental (AAMR) e, também, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), entende-se por D.I o

estado de redução notável do funcionamento intelectual significativamente inferior à média, associando a limitações pelo menos em dois aspectos do funcionamento adaptativo.

Na Convenção de Guatemala, por exemplo, a DI é definida como *“uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”* (BATISTA, 2006; MEC, 2007).

Segundo pesquisa realizada por Silva (2009), ao atuar diretamente com alunos D.I, as escolhas pedagógicas dependem de um ponto fundamental, que é o olhar do professor sobre a deficiência e sobre a pessoa deficiente. Partindo deste ponto, além de guiar suas escolhas pedagógicas, o professor também terá melhor direcionamento para atuação em sala com esses alunos, refletindo assim, em sua aprendizagem. Com esse diferencial nas estratégias do professor, o desenvolvimento das crianças poderá ser atingido diretamente, ocorrendo um processo de aprendizagem mais significativo a elas.

2.1.1 Nomenclatura:

A D.I já foi comumente caracterizada, em termos quantitativos e classificatórios, por um quociente de inteligência (Q.I) inferior a 70, média apresentada pela população (SIGLO, 1994). Embora ainda utilizada em alguns contextos, as medidas de Q.I são bastante questionadas atualmente. Portanto, a respeito da medida do QI, vale questionar: há uma medida correta? Se sim, qual a medida correta para o nosso tempo? E como seria melhor denominá-la? Deficiência mental, retardo mental, deficiência intelectual? E a pessoa com esta deficiência, seria chamada de excepcional, deficiente, pessoa com deficiência ou pessoa com necessidades educacionais especiais? (PAN, 2008)

As crianças consideradas deficientes são rotuladas assim que se realiza diagnóstico e a partir disso, todas as suas interações com o mundo são relacionadas e constituídas com base na anormalidade. O conceito de deficiência expressa de forma negativa. Então como forma de resistir a esse conceito, o *“termo pessoas com necessidades especiais foi amplamente adotado pelo entendimento de que o problema da deficiência está mais relacionado a uma diferença na forma de entender e compreender o mundo do que uma possibilidade do indivíduo”*(SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2010, pág. 209).

Muitas inovações aconteceram com o passar dos anos. Essas inovações se deram em caráter de busca pela superação de preconceitos. Afirmar que uma criança era

“excepcional”, por exemplo, significava que se tratava de alguém especialmente talentoso (PAN, 2008). Com isto, não demorou muito para cair em desuso essa terminologia. Novas terminologias passaram a circular na tentativa de apagar o sentido da deficiência. Porém, existem, na atualidade, debate a respeito das expressões deficiência mental e deficiência intelectual, que surge das recentes discussões empreendidas nos meios acadêmicos e científicos.

De acordo com Sasaki (citado por SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2010), nos debates promovidos sobre a nomenclatura, onde pessoas com deficiência participaram desses movimentos pelos seus direitos, as próprias optaram pelo termo “pessoas com deficiência”. Para elas, o termo valoriza as diferenças e necessidades decorrentes das deficiências. Essa nomenclatura já é utilizada em muitos documentos oficiais em várias partes do planeta, já que essa nomenclatura refere-se ao funcionamento do intelecto e não ao funcionamento da mente como um todo (SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2010).

Um dos indicativos mais importantes dessa mudança é a alteração do nome de uma das mais representativas e influentes associações da área, a AAMR (Associação Americana de Retardo Mental) que, desde janeiro de 2007, passou a ser conhecida como AAIDD (Associação Americana de Deficiência Intelectual Desenvolvimento). Para fins pedagógicos, organização de materiais, planejamentos e identificação da criança numa instituição escolar, também se usa a nomenclatura “Deficiência Intelectual”, em função da modificação sugerida (PAN, 2008).

Vale ressaltar, ainda, que o termo “deficiência mental” ainda é bastante utilizado e encontrado em muitos artigos científicos, textos pedagógicos e psicológicos entre outros. Inclusive, como o termo era de uso comum na época de Vigotski, nos seus escritos, é assim que ele faz referência (SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2010).

O evento realizado no Canadá, em 2004, pela Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (com a participação de vários países incluindo o Brasil) aprovou a Declaração de Montreal sobre a Deficiência Intelectual e o termo passou a ser utilizado também em outros idiomas: espanhol, francês e inglês (SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2010).

2.1.2 Diagnóstico:

A D.I é uma condição complexa e, por esse motivo, para a realização do diagnóstico se fazem necessários instrumentos e recursos que garantam resultados mais confiáveis. O diagnóstico não pode ser realizado por qualquer pessoa e nem em qualquer lugar. Deve ser feito por médicos e psicólogos clínicos em hospitais, consultórios, centros de reabilitações e clínicas. O registro do diagnóstico é muito importante para o aluno com D.I. Com a comprovação dessa deficiência, o indivíduo terá alguns direitos, como: benefícios e assistência previdenciária e cotas para emprego (CARVALHO & MACIEL, 2003).

Diante disso, sabemos que alunos com necessidades educacionais especiais requerem atenção maior, uma vez que o seu desenvolvimento, dependendo da necessidade educacional especial, pode acontecer de forma mais lenta que o esperado. Para Vigotski, o desenvolvimento das crianças, independentemente de serem deficientes ou não, segue as mesmas leis gerais, diferenciando-se apenas nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, determinado pela sua interação de mundo (SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2009).

É importante ter uma visão positiva da deficiência, afinal de contas, ser deficiente não quer dizer que seja uma criança defeituosa (VIGOSTSKI, citado por SILVA, RIBEIRO & MIETO, 2009). Partindo desse pressuposto, podemos acreditar na capacidade de uma pessoa com D.I, onde o mesmo pode avançar seu desenvolvimento intelectual partindo das suas relações com o mundo, o qual está inserido.

A realização de um trabalho para Deficiente Intelectual, especificamente, requer conhecimento, habilidade e preparo para ter condições de propiciar trabalho educacional eficiente e inclusivo.

II – OBJETIVOS

Este trabalho tem como **objetivo geral**:

– Buscar compreender o processo de ensino-aprendizagem de uma criança diagnosticada com Deficiência Intelectual, que cursa o 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do Distrito Federal.

E tem como **objetivos específicos**:

– Conhecer as causas e conseqüências da Deficiência Intelectual;

– Verificar o desenvolvimento do Deficiente Intelectual em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

II- METODOLOGIA

3.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia

O desenvolvimento deste trabalho de pesquisa contou com o auxílio de vários instrumentos, os quais foram essenciais para a descrição da vida social e educacional do aluno.

Os instrumentos de pesquisa utilizados contemplam entrevista, observação, relatórios descritivos do processo escolar do aluno, laudos médicos e outras fontes de informações. Essas técnicas utilizadas para construção de informações contemplam a pesquisa qualitativa (RAMPAZZO, 2002).

A pesquisa qualitativa tem se afirmado como promissora possibilidade de investigação. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos (NEVES, 1996), característica que norteia este trabalho.

3.2 - Contexto da Pesquisa

A instituição pública do D.F, escolhida como fonte de pesquisa para este estudo, foi uma escola de ensino fundamental que trabalhou no ano de 2010 com 44 turmas, sendo essas turmas divididas em 6 do 1º período da Educação Infantil, 2 do 2º período da Educação Infantil, 9 de 1º ano (1 inversa com 15 alunos), 7 de 2º ano, 6 de 3º ano (2 inversas com 15 alunos cada), 7 do 4º ano (1 turma inversa com 15 alunos e uma turma reduzida com 28 alunos) e 7 turmas de 5º ano (1 turma reduzida com 28 alunos).

As turmas inversas e reduzidas são classes diferenciadas de atendimento, em caráter transitório, de estudantes com Deficiências e/ou Transtorno Global do Desenvolvimento, na Educação Infantil e séries/anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme modulação para cada área (SEEDF, 2010). Existe um limite de alunos para cada turma, justamente para que o professor tenha condições de dar atenção individualizada à criança com necessidade especial, incluída em turma regular de ensino.

A instituição conta, ainda, com uma Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem. Esta equipe está composta por uma pedagoga e um psicólogo (itinerante) que atende à escola quando solicitado; conta, também, com serviço de Orientação Educacional, composto por uma Orientadora Educacional, que atua como uma “ponte” entre educadores,

pais e alunos, sempre compromissada com a formação do aluno, no que diz respeito a valores, atitudes, emoções e sentimentos, sempre ouvindo, analisando e orientando da melhor forma possível.

Os alunos contam, ainda, com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), serviço este em que se identificam, elaboram e organizam recursos pedagógicos, para a plena participação dos alunos com NEEs. Este serviço é realizado por um profissional especializado e ocorre nas escolas comuns para atendimento das crianças em processo de inclusão ou incluídas na rede regular de ensino. O atendimento para esses alunos ocorre em horário contrário às aulas e o espaço utilizado é a sala de Apoio/Recursos. Vale ressaltar que o atendimento é realizado para atender as necessidades do aluno, como complemento curricular e não como aula de reforço.

Entre os objetivos da instituição, aplicam-se objetivos gerais para educação especial, na oferta de atendimento educacional especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais, com vistas à complementação ou suplementação curricular específica; e dentre os objetivos específicos, estão os de promover condições de inclusão dos ANEE em todas as atividades da escola; colaborar com o professor da classe comum na definição de estratégias que favoreçam o acesso do ANEE ao currículo proposto para a série que se encontra, por meio da Adequação Curricular.

Vale ressaltar, ainda, que a escola atende essas crianças em uma estrutura não muito apropriada, com pouco espaço, pois a escola é toda de madeirite e a entrega de uma nova escola está prevista para o final do ano de 2011. Apesar de ser uma estrutura de madeira, a escola tem rampas e banheiros apropriados para atender as crianças com necessidades especiais.

3.3- Participantes

Este estudo contou com a participação de um aluno, com diagnóstico de Deficiência Intelectual e um membro de sua família - no caso, a mãe - além da participação da professora da sala de recursos e a professora regente responsável pelo estudo em questão.

O aluno aqui será identificado com nome fictício de Marcos e sua mãe de Letícia.

3.3.1. O aluno:

Marcos é uma criança com 13 anos e estudante de uma turma de ensino regular, em que a faixa etária das crianças variam entre 9 e 10 anos. Marcos é magro, possui cabelos castanhos, estatura média e se sua conduta se assemelha à de uma criança em idade inferior.

O aluno foi diagnosticado como deficiente intelectual aos cinco anos, quando realizou exame clínico médico a pedido do médico de seu avô. Além de apresentar D.I, também foi submetido a outros tipos de exames, sendo diagnosticado com Distrofia Miotônica de Steinert, tendo vários membros da família com diagnóstico da doença.

A Distrofia Miotônica de Steinert é uma doença genética. Letícia, genitora de Marcos, também apresenta o mesmo diagnóstico, embora a doença pareça mais evidente na criança do que na mãe.

O aluno encontra-se em defasagem idade/série. Apesar das dificuldades, Marcos é uma criança tranqüila, não apresenta transtornos comportamentais e é colaborativo. No entanto, apresenta dificuldades para expressar o que sente; relaciona-se, predominantemente, com crianças com idade inferior à sua (7, 8 anos); apresenta dificuldades de concentração para a realização de atividades acadêmicas e se dispersa facilmente brincando com materiais escolares (lápiz, borracha, apontador) em sua mesa.

De acordo com os documentos do aluno, ele passou por duas instituições escolares, antes de ser atendido na instituição em que se encontra, e apresentou dificuldades no processo de escolarização.

3.3.2. A mãe

Letícia, mãe de Marcos, também é diagnosticada como D.I e com Distrofia Miotônica de Steinert. Como dito anteriormente, é uma doença genética, e no seu caso, herdada do pai. Apresenta-se calma e comunicativa.

Atualmente, deixou o emprego para dar mais atenção ao filho. Demonstra-se interessada pelo processo educativo do mesmo. Hoje é a única responsável pelo aluno, uma vez que seus pais, que antes eram responsáveis pelo aluno, vieram a óbito.

A mãe aparenta ter uma vida social tranqüila e vive na mesma residência com um companheiro e o filho. A família reside na Região Administrativa do Recanto das Emas-D. F.

3.3.3. Professora da sala de recursos

A professora da sala de recursos sempre trabalhou como professora regente de sala de ensino regular e no ano de 2010 (ano em que o aluno foi transferido para esta instituição) teve a oportunidade de trabalhar na sala de recursos. Passou por entrevistas e exames pela SEEDF para fazer parte da sala de recursos.

Vale ressaltar que em sua formação, a professora da sala de recursos apresenta todos os requisitos básicos exigidos pela SEEDF para atendimento desta clientela.

3.3.4. Professora regente - pesquisadora

A professora responsável pela pesquisa atua na área da educação há 14 anos. Sempre lecionou em turmas regulares de ensino. No ano de 2009 teve a primeira experiência com alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Por não ter experiência com crianças com NEE, sentiu necessidade de estudar a respeito para ter condições de realizar o seu trabalho com qualidade.

3.4 - Materiais

Para inicialização desta monografia, foram coletados alguns dados, mediante os seguintes materiais:

1. Livros e artigos (estudo bibliográfico);
2. Roteiro de entrevista;
3. Câmera digital para gravação de entrevista com mãe do aluno;
4. Computador;

3.5- Instrumentos de Construção dos Dados

3.5.1. Adequação curricular:

A adequação curricular organiza os conteúdos a serem trabalhados com o ANEE no decorrer do ano letivo. Essa adequação auxilia o professor em seus procedimentos didáticos com o aluno, favorece a forma de avaliação e direciona a verificação do alcance das expectativas de aprendizagem.

Para trabalhar com Marcos foi necessário o uso da adequação curricular para o planejamento diário das suas atividades, de forma que o aluno pudesse participar das programações realizadas em sala e fora dela.

3.5.2. Entrevista (Anexo – Apêndice A)

A entrevista realizada com a mãe do aluno foi feita com o auxílio de um roteiro de perguntas, produzido para este fim e revisado anteriormente, com o objetivo de adquirir informações a respeito do aluno, da família e da escola.

A entrevista foi gravada e teve duração de doze minutos e quinze segundos. Para a realização dessa entrevista, a mãe do aluno foi contatada, pessoalmente, para a exposição de como seria realizado o trabalho de pesquisa, sendo orientada sobre os objetivos das informações por ela fornecidas e o sigilo quanto a ela e o filho. Ao aceitar a participação, foi solicitada, à mãe, a assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice – Anexo C). A entrevista foi realizada oralmente na própria instituição escolar, onde a mãe respondeu às questões relacionadas aos aspectos individuais, sociais e escolares do aluno, constando ainda questões relacionadas ao diagnóstico da deficiência intelectual e a relação

entre o aluno, a escola e a família. Ao terminar a entrevista, foi frisada a questão dos objetivos das informações prestadas, sigilo dos nomes (mãe/filho) e a promessa de uma devolutiva desta pesquisa.

A entrevista foi composta por 18 questões e as respostas dadas pela mãe foram gravadas com o auxílio de uma câmera digital. Vale ressaltar que as questões, flexíveis, foram ocorrendo de acordo com as respostas dadas pela mãe, no decorrer da entrevista.

A entrevista, como dito anteriormente, foi realizada na própria instituição de ensino, na sala de recursos. A gravação foi transferida para um microcomputador e depois, degravada na íntegra e a degravação anexada à pesquisa (Anexo – Apêndice B).

3.5.3. Portfólio / Diário de Campo

O portfólio é usado para verificar o avanço do aluno na realização de suas atividades. Com ele é possível analisar o progresso ou regresso do aluno. Essas observações foram anotadas no diário de campo, para organizar de forma cronológica as expectativas de aprendizagem do aluno.

3.5.4. Relatórios: Psicopedagógico (Anexo D)/ de Apoio ao Docente (Anexo E) / Médico (Anexo F) / de Desempenho Escolar (Anexo G)

Os relatórios utilizados como instrumentos nesta pesquisa, trazem informações sobre a vida escolar do aluno e os devidos diagnósticos apresentados. Vale ressaltar que os documentos aqui expostos (Anexo D,E,F,G), são verídicos e utilizados, inclusive, para encaminhar o aluno para sala de recursos.

3.6- Procedimentos de Construção de Dados

Foi escolhida uma turma do 4º ano de uma escola pública do Distrito Federal, em virtude do trabalho da pesquisadora, que é regente em uma turma regular de ensino reduzida.

A turma é reduzida porque atende crianças com necessidades educacionais especiais. Essas crianças são matriculadas nas turmas regulares de ensino conforme exige a legislação.

Para iniciar a construção de informações, foi pedida à autorização para a instituição escolar e, após consentimento, deu-se início ao processo de esclarecimentos relevantes ao trabalho.

As informações necessárias foram adquiridas na própria instituição escolar, pela professora regente responsável pela pesquisa. Os envolvidos no processo da construção destas informações preencheram e assinaram o **Termo de Consentimento Livre Esclarecido** para início das atividades de pesquisa.

O familiar responsável pelo aluno também autorizou a participação da criança na pesquisa, após conversa em reunião com a professora pesquisadora. Comentou-se com o responsável e o aluno a respeito do processo e ambos demonstraram satisfação em serem escolhidos pra tal. Na apresentação da proposta de pesquisa foi dito aos dois que:

Trata-se de uma pesquisa para estudar com mais detalhes as estratégias desenvolvidas no processo de aprendizagem do aluno, verificando como aconteceu ou acontece a aprendizagem, observando qual tipo de atividade a criança desenvolve com mais facilidade, interesse, entre outros, a fim de que a professora tenha condições de realizar intervenções significativas ao seu processo de ensino.

Os nomes de ambos não serão divulgados, apenas representados por nomes fictícios.

Para descrever o aluno e o seu processo de aprendizagem até o momento da elaboração deste relato, foram utilizadas todas as informações a que temos acesso na instituição escolar, conforme descritos na seção sobre os Instrumentos, neste capítulo:

1. Relatórios de apoio ao docente;
2. Relatórios psicopedagógicos;
3. Relatório médico;
4. Relatório de desempenho escolar.

A responsável pelo aluno, a mãe, foi entrevistada seguindo um roteiro produzido anteriormente. O tempo de conversa com a mãe foi curto porque ela estava com pressa, pois precisava resolver outros assuntos pessoais.

O período de observação do aluno para esta pesquisa teve início no 3º bimestre do ano de 2010, sendo que algumas aulas foram específicas para este fim.

As atividades desenvolvidas com o aluno foram direcionadas de acordo com a sua adequação curricular.

Partindo das atividades desenvolvidas em sala, foi confeccionado o portfólio do aluno, contendo as atividades desenvolvidas no decorrer do bimestre trabalhado, e as observações relatadas no diário de campo, a fim de observar o desenvolvimento do aluno e, assim, verificar se ele alcançou as expectativas de aprendizagem proposta na adequação curricular.

3.7- Procedimentos de Análise de Dados

Para análise dos dados foram utilizados documentos do aluno, entrevista, portfólio, diário de campo, a análise dos relatórios de escolas anteriores, os quais contém informações sobre a vida escolar do aluno (anexados).

Os documentos foram lidos e retirados do seu contexto informações relevantes para a construção desta pesquisa.

IV – RESULTADOS

4.1. Registros das Escolas Anteriores

4.1.1. Primeira escola

Para análise dos dados da primeira escola foi utilizado o relatório psicopedagógico (vide Anexo D), devido à ausência de relatório descritivo da professora.

De acordo com observações contidas no relatório citado, no seu primeiro ano acadêmico, Marcos demonstrou atitudes de agitação e inquietação, além de dificuldades de concentração e assimilação das atividades propostas, necessitando de atenção individualizada para a realização das mesmas. Em função das dificuldades apresentadas, o aluno foi encaminhado para uma avaliação psicopedagógica.

Ainda de acordo com o relatório, o aluno foi encaminhado para AEE, por apresentar baixo rendimento escolar, dificuldade de aprendizagem, problemas emocionais e por ter diagnóstico de Distrofia Miotônica de Steinert.

O aluno foi submetido a reforço escolar em horário contrário às aulas, mas, as expectativas de aprendizagem não foram alcançadas com êxito.

Na avaliação psicopedagógica, o aluno não conseguiu informar dados pessoais completos, apresentou demora na assimilação de comandos, escreveu apenas o pré-nome, demonstrou dificuldade de concentração, realizou desenho de pessoas com pobreza de detalhes, reconheceu somente as partes do corpo mais usuais, apresentou dificuldade de associar quantidade aos numerais de 0 a 9, escrevendo-os espelhados. Registrou todas as vogais e reconheceu algumas consoantes, mas não conseguiu juntá-las na formação silábica.

Diante da avaliação psicopedagógica, chegou-se à conclusão de que o aluno precisava de atendimento individualizado, devendo ser matriculado em turma de integração inversa e ser atendido em sala de apoio em horário contrário às aulas.

Por não ter conseguido desenvolver suas habilidades e competências, o aluno ficou retido na 1ª série/ 2º ano.

No ano seguinte, Marcos permaneceu na mesma série, mas em uma turma inversa, de acordo com o que foi sugerido pelo psicopedagogo, e atendido em horário contrário às aulas na sala de recursos.

4.1.2. Segunda escola:

Para análise desses dados foi utilizado o relatório descritivo da professora do 2º ao 4º bimestre, do 3º ano (vide Anexo G).

Acompanhando o relatório da segunda escola pela qual o aluno passou, constata-se que os problemas com a aprendizagem ainda continuaram. Embora não relatado nos registros da escola anterior, a professora observa que o aluno, no segundo bimestre, apresenta dificuldades quanto à lateralidade e seqüência lógica. Apesar das dificuldades apresentadas, a professora relata que o aluno realiza leitura de palavras e conhece todas as letras. É ainda, um aluno interessado, mas sente falta da presença da família para auxílio nas tarefas de casa.

No terceiro bimestre o aluno troca de professora. Aos olhos da nova educadora, o aluno demonstra interesse na realização das atividades. Já consegue realizar leitura de pequenos textos e produz frases com independência. Utilizando material concreto, o aluno consegue realizar operações matemáticas simples e já reconhece os números até 100. A professora reclama da ausência da mãe no acompanhamento escolar do filho.

Os avanços educacionais do aluno continuam no quarto bimestre. De acordo com relatório da professora, o aluno demonstrou avanços significativos e independência nas atividades que envolvem leitura e escrita. Já a resolução das operações, era feita somente com o uso de material concreto. Por alcançar os objetivos da adequação curricular, o aluno que estava no BIA (Bloco Inicial de Alfabetização), passou a cursar a 3ª série/ 4º ano.

O aluno permaneceu na 2ª escola até o segundo bimestre. De acordo com o relatório descritivo da professora, Marcos socializava-se muito bem com a turma. Apresentava dificuldades ao que se referia à leitura, interpretação, escrita e raciocínio lógico matemático. Segundo relatório, o aluno tinha, então, acompanhamento individualizado.

Vale ressaltar que não foi apresentada Adequação Curricular do aluno para tornar os conteúdos apropriados às dificuldades do estudante.

4.1.3. Terceira escola

O aluno foi transferido para a terceira escola no início do terceiro bimestre, na 3ª série/ 4º ano. A professora observou-o nos primeiros dias e realizou atividades diagnósticas para verificação do nível de conhecimento do aluno.

Observou-se que o aluno realizava leituras de textos, mas se perdia na compreensão das mesmas; realizava escrita de números de 0 a 100, apresentando dificuldades na resolução de operações simples.

Mediante a avaliação diagnóstica, foi realizada a adequação curricular para atuar frente às dificuldades de aprendizagem do aluno.

Segundo relatório da professora, o aluno apresentou crescimento lento no processo ensino aprendizagem. Realizou leituras de pequenos textos e só realizou a interpretação destas através de mediações. Realizou operações simples com auxílio de material concreto e intervenções da professora. Produziu frases simples e coerentes com as ilustrações sugeridas.

No relatório de apoio ao docente (Anexo E), a primeira coisa apresentada é o diagnóstico do aluno, induzindo que o mesmo é impossibilitado de aprender em função da deficiência apresentada.

Analisando as escolas, percebe-se que na primeira escola o aluno não teve muito progresso e a mãe ausente. Na segunda escola, com a troca de professor o aluno apresenta melhorias significativas em seu rendimento escolar, segundo relatório, o aluno aprende a ler, mas continua com dificuldades na resolução das operações. A ausência da mãe é um ponto mencionando mais uma vez. Na terceira escola a mãe também se mostra ausente e as atividades desenvolvidas com o aluno busca sua autonomia na realização das atividades.

4.2. Entrevista realizada com a mãe do aluno.

Questões da Entrevista

Aspectos individuais

Ao que se refere aos aspectos individuais, a mãe relata ter tido uma gravidez tranquila. Porém, no início, a aceitação por parte dos pais dela (avós de Marcos) não foi de imediato, tendo um período curto de problemas. O período de desenvolvimento da criança (gestação) foi tranquila, sem qualquer complicação ou uso de medicamentos.

O desenvolvimento da criança aconteceu normalmente, sem complicações. De acordo com o relato da mãe, Marcos era uma criança bem ativa. Não recorda quando a criança sentou. Deu seus primeiros passos com um ano, após ser estimulado pela própria mãe ao perceber que a criança levantava, as vezes, segurando nos objetos em casa.

Marcos foi cuidado pela mãe até os 2 anos de idade. A mãe relata que, como precisava trabalhar, o filho passou a ficar aos cuidados dos avós.

Marcos alimentou-se até os oito anos de idade com auxílio de adultos, não tinha autonomia para alimentar-se sozinho, pois a avó sempre colocava em sua boca. A mãe alega que o fato aconteceu em virtude de ser o primeiro filho e neto. O médico já havia alertado da necessidade de Marcos ser incentivado a comer só para não ficar com preguiça na hora das refeições, mas isso só aconteceu com o falecimento dos avós, quando a criança passou a ficar novamente aos cuidados da mãe.

Aspectos sociais

O aluno sempre foi tranquilo, nunca apresentou nenhuma agressividade. Nas brincadeiras, Marcos aceita os comandos das outras pessoas e o único problema visto pela mãe é o fato do aluno brincar com crianças com idade inferior a dele (7 e 8 anos).

Escolarização

De acordo com as informações da mãe, a criança frequentou creches e depois passou a estudar em escola de ensino regular. Porém, a mãe não sabe dizer a idade certa do início da escolarização do aluno.

Marcos apresentou dificuldade no processo de alfabetização, demorou muito a aprender a ler. O aluno aprendeu a escrever com letra de “caixa alta” e quando iniciou o processo da escrita cursiva ficou muito feliz. De acordo com o relato da mãe, ele ficou “maravilhado”.

Diagnóstico da Deficiência Intelectual

O aluno só foi diagnosticado como D.I aos 5 anos. A mãe relata não ter percebido nada de anormal com a criança. A suspeita partiu do médico do próprio avô da criança, após pedir exame para toda a família, uma vez que o avô tinha “Distrofia Miotônica de Steinert”. Os exames deram positivos para Letícia e Marcos, já para a irmã de Letícia e para o filho dela (sobrinho de Letícia) o exame deu resultado negativo. O médico ressaltou, ainda, que a doença é genética e tende a piorar com o passar das gerações.

Ao saber da deficiência do filho, a mãe relatou que continuou tratando-o como uma criança normal. Vale ressaltar aqui, que nessa idade Marcos ainda não era estimulado a comer sozinho, e continuou da mesma forma.

No período da descoberta da deficiência, o aluno ainda não estava na escola. Quando ingressou numa instituição escolar, nenhum tipo de levantamento foi realizado por parte dos professores em relação às dificuldades de aprendizagem.

Quanto ao rendimento escolar nos últimos anos, segundo a mãe, Marcos teve mais progresso na instituição escolar em que se encontra atualmente. Pois nas escolas anteriores não tinha muita cobrança para a realização das atividades em sala bem como para as tarefas de casa.

Atualmente a mãe acredita que o aluno não apresenta nenhum tipo de dificuldades, haja vista, que o mesmo desenvolve atividades normalmente como as demais crianças. Já superou inclusive a questão da alimentação, pois já come sozinho e realiza outras atividades também sozinho, como tomar banho e escolher a roupa que vai usar.

A criança, a escola e a família

Sobre a possibilidade de sugerir alguma coisa para auxiliar o aluno no seu desenvolvimento, a mãe diz não ter idéia, mas que gostaria que o aluno fosse ajudado mesmo nos estudos (conteúdos em sala), porém volta à questão de Marcos brincar com outras crianças com idade e tamanho inferior ao seu.

A mãe manifestou vontade de manter o filho em período integral na escola para melhorar os estudos, enfatizando que o mesmo fica em casa brincando e à tarde dorme.

A mãe relata ter deixado o emprego por causa da própria deficiência e, também, para ficar com Marcos e acompanhá-lo na escola. Apesar do esforço para auxiliar o filho, a mãe acha que a escola supre as necessidades do aluno. Para que o aluno seja feliz, ela simplesmente diz que “*ele já é feliz*”.

Analisando a entrevista, observa-se, por parte da mãe, uma grande preocupação de que seu filho aprenda os conteúdos curriculares. Sente-se incomodada pelo fato do filho brincar com crianças com idade inferior à dele e acredita que a escola já atende suas necessidades.

4.3. Portfólio

Durante as observações do aluno, foi confeccionado um portfólio das atividades para verificar seu desenvolvimento cognitivo. As atividades foram realizadas para atingir os objetivos da adequação curricular.

Observando as atividades, percebe-se que a criança ainda apresenta dificuldades de compreensão de enunciados. Na realização de desenhos, o aluno sempre os identifica com os nomes e obedece ao contorno na pintura. Realiza cópia, mas tem dificuldades de produzir texto sozinho. Os pequenos textos produzidos sempre vêm acompanhados de ilustração. Quando realizada atividade de re-escrita, o aluno demonstra dificuldades na escrita, mas a ilustração apresenta coerência com a história lida.

Para a realização das atividades, em sua maioria, necessita da intervenção da professora. O aluno apresenta uma grafia melhor quando escreve com letra de caixa alta, mas demonstra gostar de escrever com a letra cursiva.

4.4. Diário de Campo

No diário de campo foram registradas as observações das atividades desenvolvidas em sala, e foram organizadas no portfólio. Nas atividades realizadas, o aluno demonstrou interesse e participação, atendendo às expectativas de aprendizagem. Seguem algumas informações sobre as atividades desenvolvidas com Marcos no decorrer das observações realizadas:

CONTEÚDO:

- Meios de transportes e suas utilidades.

OBJETIVOS:

- Identificar e diferenciar os meios de transportes identificando sua utilidade no dia a dia;

OBSERVAÇÕES:

- O aluno demonstrou interesse e participação na aula;
- Expressou, claramente, sobre a forma como utiliza os meios de transportes, suas utilidades e os diferentes locais de locomoção (terra, ar, água);

- Demonstrou conhecimento mais aprofundado, indicando que os meios de transportes terrestres se locomovem nas ruas formando o trânsito;

PRODUTO OBTIDO:



CONTEÚDO:

Leitura e interpretação de texto informativo sobre a dengue;

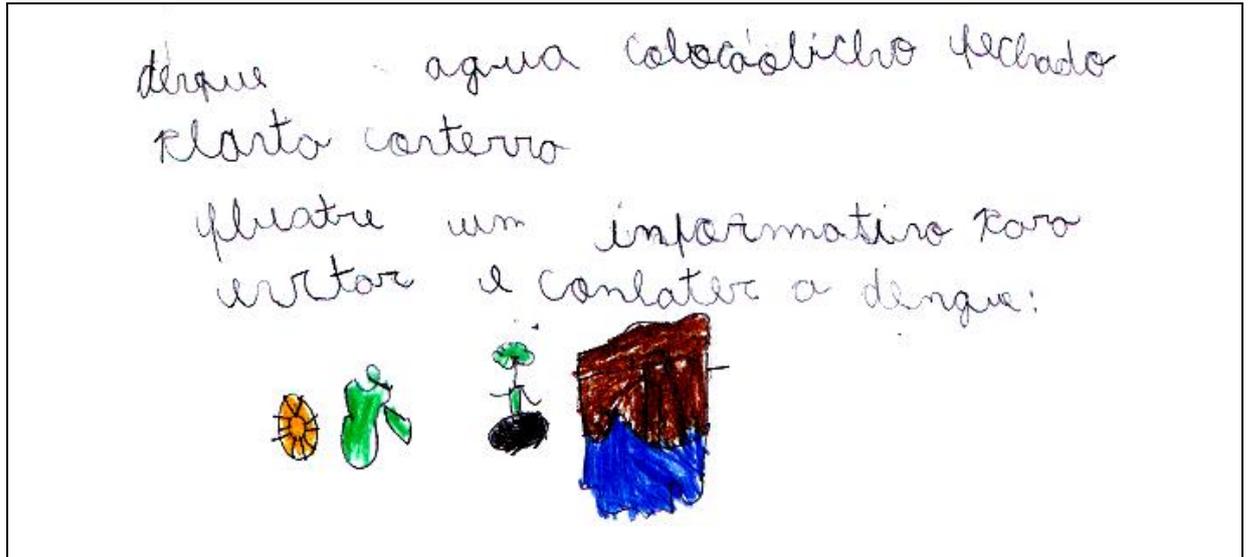
OBJETIVOS:

- Compreender a dengue como problema social;
- Buscar, através de interferência do próprio aluno, soluções para a resolução do problema;
- Trabalhar leitura, interpretação e escrita;

OBSERVAÇÕES:

- O aluno apresentou interesse e participação na aula;
- Identificou nas figuras apresentadas locais que podem ser criadouros do mosquito relacionando com a possibilidade de ter em sua casa, condições favoráveis para o mosquito;
- Conseguiu relatar coerentemente como se deve evitar que o mosquito da dengue prolifere e apresentou medidas que irá tomar em sua própria residência.

PRODUTO OBTIDO:



As atividades realizadas pelo aluno foram de acordo com a proposta da adequação curricular, porém, nem todos os objetivos foram alcançados.

Mesmo sem os documentos, foram realizadas algumas atividades diagnósticas pedagógicas que possibilitaram a adequação curricular conforme conhecimento prévio demonstrado por parte do aluno. As atividades realizadas foram leitura oral de um texto, conto da história oralmente, escrever os numerais de 0 a 50 e depois de 50 a 100. A única atividade que o aluno precisou de intervenção da professora foi o conto. Necessitou de perguntas direcionadas para que ele pudesse lembrar-se de partes da leitura.

As atividades, no decorrer dos dias, foram desenvolvidas com o aluno em sala, seguindo algumas rotinas como: sentar próximo a professora e sempre acompanhado de um colega;

O aluno realizou, sempre que possível, as mesmas atividades que os demais alunos e sentar junto com um deles dava-lhe mais segurança para a realização das mesmas.

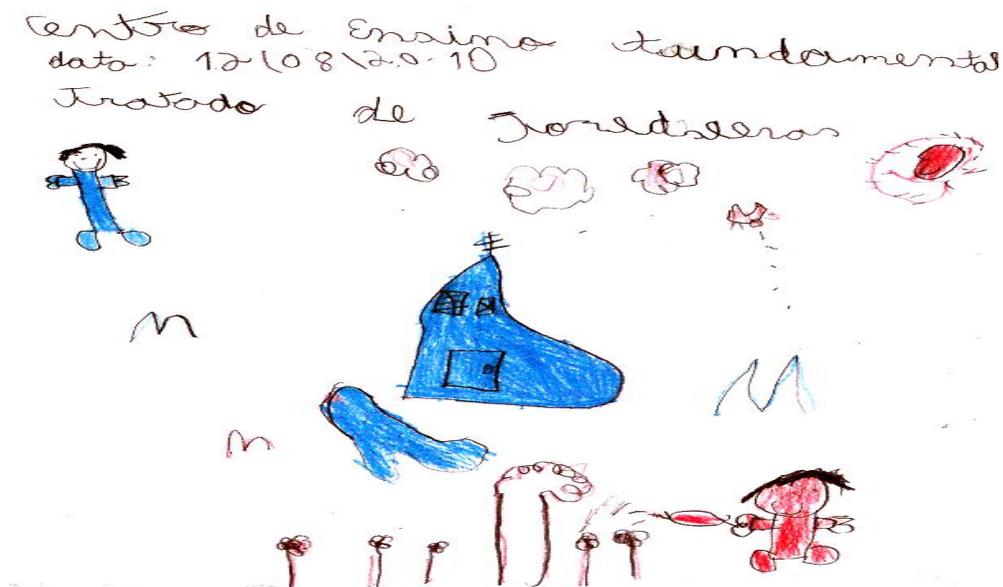
Segue abaixo o resultado de algumas atividades desenvolvidas pelo aluno:

1. Produção de texto realizado pelo aluno:

a) Primeira produção de texto



2. Tratado de Tordesilhas



O aluno apresenta avanço significativo na realização de suas produções. Organiza as ideias e consegue passar sua mensagem. O conhecimento adquirido foi expresso através de ilustrações.

A percepção do aluno sobre os conteúdos ministrados, no entanto, são representados da forma que ele consegue visualizar os fatos.

As propostas de leituras inicialmente não foram muito bem aceitas. Na maioria das vezes, as histórias não despertavam interesse ao aluno. Para começar a incentivá-lo, foi

sugerido que uma criança ao levar o livro para casa realizasse o reconto da história para todos ouvirem. Depois de iniciar essa proposta, Marcos foi o oitavo a contar a história e a satisfação estava estampada no seu rosto. A partir de então, Marcos começou a tomar iniciativa para pegar o livro e lê-lo.

Para a resolução de operações matemáticas Marcos continuou com o auxílio de material concreto. A verdade é que ele ainda não conseguiu abstrair os conceitos matemáticos, o que dificulta o processo de aprendizagem das operações. Apesar da dificuldade em resolver as operações, o aluno não apresenta dificuldade para identificar as formas geométricas, conseguiu escrever os números acima de 200 e alguns casos, identificar o sucessor e antecessor. Vale ressaltar que para a realização destas atividades, em sua maioria, era preciso da intervenção da professora.

Os jogos educativos foram algumas das atividades desenvolvidas em sala que Marcos mais se interessou, mas não conseguia ficar muito tempo com a mesma proposta de atividade, quando “enjoava”, preferia brincar com seus lápis e borracha sobre a carteira. As cruzadinhas e caça-palavras foram atividades que o aluno desenvolveu com facilidade e interesse, e para elas, nunca foi preciso incentivá-lo.

VI - DISCUSSÃO

Apesar de estar assegurado pela CF, garantir os direitos das crianças não é suficiente, sendo necessário assegurar, primeiramente, uma educação especial de qualidade para todos. Afinal de contas, colocar crianças em ensino regular apenas para fazer cumprir a lei é uma forma, também, de contrariar a própria lei, tornando o ambiente escolar tão excludente quando o praticado fora dele (PAN, 2008).

Apesar das dificuldades de aprendizagem, o aluno apresentou desenvolvimento significativo no processo ensino aprendizagem. Destacou-se mais ao que se refere à leitura e interpretação, como podemos nos certificar pela atividade desenvolvida com livro de literatura. O relato da história, com suas palavras, e escrita foi uma demonstração de autonomia e concentração para a realização da mesma, sem contar na questão do amadurecimento para a realização da atividade sugerida.

A realização das atividades com o aluno foi muito tranquila. Em nenhum momento o aluno demonstrou resistência para realizá-las. Atribuo o interesse em função de a criança estar sempre envolvida com as atividades também dos colegas.

Com esta pesquisa, podemos perceber que trabalhar com ANEE é mais fácil quando a turma é consciente da dificuldade do colega e, partindo disso, passar algumas atribuições para que os colegas ajudem uns aos outros em forma de monitoria. No caso de Marcos, quando era auxiliado por um colega, o interesse na realização das atividades propostas era maior.

A evolução do aluno foi percebida através das ilustrações realizadas nas atividades que tinham como objetivo leitura e interpretação. Suas ilustrações apresentavam formas e em alguns casos, nomeia os personagens.



Segundo Lima & Carvalho (2008), ao desenhar a criança está representando seus conhecimentos, pensamentos e interpretações sobre uma situação vivida ou imaginada.

No decorrer dos dois bimestres trabalhando com Marcos, os trabalhos em destaque e mais produtivos foram:

- O reconto em que as crianças tinham que ir a frente contar sua história;
- Monitoria com os colegas;
- Em duplas, para que o aluno não ficasse só;
- Cruzadinhas e caça palavras sobre os assuntos relacionados à aula;

A professora da sala de recursos realizava um trabalho diferenciado com o aluno. Sempre utilizava jogos que desenvolvesse seu cognitivo como jogos que precisasse de atenção e coordenação. Além disso, procurava colocar situações problemas da vida diária pra que resolvesse sozinho, como por exemplo: realizar contagem de dinheiro e saber passar troco de forma contextualizada, realizando simulação de mercado.

O trabalho realizado nesta escolar promoveu a inclusão de Marcos. Podemos certificar disso no momento em que a mãe, na entrevista, diz que “a escola supre as necessidades do aluno”. Apesar da falta de espaços, o comprometimento do grupo com os alunos proporcionou condições de inclusão.

A mãe demonstra grande preocupação em relação à aprendizagem do filho. Acha que se fosse atendido em período integral, o desenvolvimento do filho poderia ser acelerado. Na visão dela, enquanto dorme e brinca em casa, não está acontecendo nenhum tipo de desenvolvimento. Bem sabemos que brincar e dormir fazem parte do processo de desenvolvimento da criança.

Apesar dos avanços significativos no processo ensino aprendizagem, os objetivos da adequação curricular não foram alcançados de forma plena. O tempo foi um dos fatores que contribuíram para que os objetivos não fossem alcançados, uma vez que o aluno passou a freqüentar a escola no início do terceiro bimestre. Outro fato que contribuiu com a não contemplação dos objetivos da adequação, foi o fato de não ter sido levado para a escola a adequação curricular da outra professora para que pudesse dar continuidade ao trabalho iniciado por ela ou realizar adaptações.

O diagnóstico da deficiência do aluno foi um ponto importante a ser discutido. Uma vez que a única pessoa a desconfiar da possibilidade da deficiência do aluno foi o

médico do avô. Segundo laudo médico, Marcos além de D.I é tem diagnóstico de outra síndrome, Distrofia Miotônica de Steinert, e, conforme laudo, pode piorar o quadro no passar das gerações.

A distrofia miotônica de Steinert é a mais comum dentre todas as distrofias musculares dos adultos. É uma doença que afeta diversos sistemas do organismo e que apresenta grande variabilidade clínica. A idade de instalação dos sinais clínicos e a velocidade de progressão da doença são também muito variáveis. Muitas vezes, os pacientes têm dificuldade em precisar a época exata do início dos sintomas, e podem passar longos períodos totalmente assintomáticos. Na forma clássica, os afetados têm fraqueza e atrofia muscular, catarata, fenômeno miotônico (dificuldade para relaxar a musculatura das mãos após a contração) e calvície frontal precoce no sexo masculino. Existem formas graves com início na infância, incluindo a forma congênita, que é transmitida quase que exclusivamente pela mãe (Centro de Estudos do Genoma Humano- www.genoma.ib.usp.br)

Apesar da coincidência do aluno ter diagnóstico de deficiência intelectual e Distrofia Miotônica de Steinert, não foi encontrado nenhum registro literário que viesse fazer relação entre as duas.

VII- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vontade de continuar é grande, mas a burocracia às vezes atrapalha um pouco. O aluno foi matriculado na instituição, e eu, como professora regente, não tive acesso aos materiais do aluno de imediato, para saber mais do seu histórico escolar. Embora a mãe da criança tenha relatado nos primeiros dias de aula alguns pontos (deficiência e a dificuldade de aprendizagem), é considerado importante ter em mãos os relatórios e laudos sobre a situação da criança.

Sinto que poderia ter feito mais pelo aluno. Apesar de ter o apoio da escola e em especial o AEE, vejo que a educação para essa área ainda tem muito que avançar. As crianças precisam aprender e isso requer conhecimento na área e criatividade, afinal de contas não se encontra sugestões de atividades para D.I em coleções didáticas ou livros, como para crianças sem deficiência. Seria interessante ter material diversificado para ter condições de usar e recriar em cima daquilo que já foi feito desenvolver as particularidades dessas crianças, sem contar que seria uma coisa muito boa para os professores marinhoiros de primeira viagem.

Partindo da prática educativa, pude concluir que um aluno com deficiência intelectual consegue manter um bom desenvolvimento educacional quando a prática educativa está direcionada as suas particularidades. Cada indivíduo tem o seu tempo para aquisição de novos conhecimentos e aprimorar os anteriores. O direcionamento das atividades facilitou o aprendizado do aluno e através dos resultados adquiridos, notei que o atendimento individualizado, adequações das atividades, participação dos colegas como monitores, contribuíram para que o aluno desenvolvesse e se sentisse incluído naquela instituição.

Com esse trabalho conclui-se, então, que o professor sempre poderá fazer algo pelo seu aluno, desde que não olhe para suas deficiências e sim para suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, C. M. C e SANTAROSA, L. M. C. **Letramento de Pessoas com Necessidades Educacionais especiais em ambientes informatizados de aprendizagem**. Brasília: Editora UNB, 2010
- BATISTA, C.S.M. **Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Mental**. 2º Ed. Egler Mantoan – Brasília, MEC, SEESP, 2006
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.
- _____. **Educação inclusiva: A Escola**/coordenação geral SEEP/MEC:organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- _____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Portaria nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007
- _____. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental**. Brasília/DF, 2007
- _____. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. São Paulo: SME/DOT, 2007
- _____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual/** Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.128
- CARVALHO, E.N.S. MACIEL, D.M.M.A. Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation - AAMR: sistema 2002. **Temas em Psicologia da SBP**, Vol. 11, no 2, 147– 156, 2003.
- Centro de Estudos do Genoma Humano. Disponível em: <www.genoma.ib.usp.br> Acesso em: 28/09/2010.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: < <http://.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso em 18/11/2010.
- HOLMES, D.S. **Psicologia dos Transtornos Mentais**. 2ª Ed. Artes Médicas. Porto Alegre. Tradução Sandra Costa. 2001
- LIMA, M.C. E CARVALHO, A.M.P. O Desenho Infantil como Instrumento de Avaliação da Construção do Conhecimento Físico. **Revista Eletrônica de Ensino de Ciências**. Vol. 7 N°2 (2008) < Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf, acessado em: 07/04/2011>.
- MACIEL, D.A. **Alfabetização e Letramento: Aprender o Código ou o Sistema da escrita?** Brasília. Editora UnB, 2010
- MEC. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual/** Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.128 p. II
- MORAES, A.M.S.M. MAGNA, L.A. FARIA, A.P.M. Prevenção da deficiência mental: conhecimento e percepção dos profissionais de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(3):685-690, mar/2006

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, nº 3 – 1996.

PAN, M.A.G.S **O direito a diferença: uma reflexão sobre a deficiência intelectual e educação inclusiva**. Curitiba: Ibpex, 2008

PLETSCH. M.D, BRAUN, P. **A Inclusão de Pessoas com Deficiência Mental: Um Processo em Construção**. Democratizar, v.II, n.2, mai/ago. Instituto Superior de Educação da Zona Oeste/ FAETEC.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

Secretaria do Estado de educação do distrito Federal. **Estratégias de Matrículas 2010 para a rede pública do Distrito Federal**. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/sites/400/402/00002437.pdf>, acessado em 27/11/2010.

SILVA, D.N.H. RIBEIRO. J.C.C. MIETO. G. **O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural**. Brasília. Editora UnB, 2010.

VIGOTISKI. L. S. **A formação Social da Mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6º edição. Martins Fontes- São Paulo, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro da Entrevista

1. Fale-me sobre o desenvolvimento de M.

A Aspectos individuais:

I. Gestação e parto: facilidades e dificuldades.

II. Aspectos da saúde, desenvolvimento físico e autonomia nos primeiros anos de vida (sentar, engatinhar, andar, comer só), principais cuidadores;

B Aspectos sociais:

I. Conte-me sobre as relações de M. com a família e com outras pessoas adultos e crianças: como brinca, conversa, lidera ou é liderado, atende ou não comandas...

C Escolarização:

I. Conte-me sobre o processo de escolarização de M.

II. Quando começou o período da escolarização e como ocorreu o período de adaptação (para criança, família, escola)?

III. Conte-me como foi o primeiro ano de escolarização de M.

IV. Lembra de alguma coisa que marcou esse período, para a família e para o próprio M.?

V. Como conviveu com os primeiros momentos do período de sua alfabetização?

VI. Lembra de alguma coisa que marcou esse período?

D Diagnóstico de Deficiência Intelectual:

I. Como se deu o processo diagnóstica da Deficiência de M.?

- Quem levantou suspeita? Quando? O que foi feito naquele momento pela família e pela escola (se já estava na escola)?

II. Quais os levantamentos que os professores dos anos seguintes já fizeram? Como foi o rendimento escolar de M. nesses últimos anos?

III. Quais as dificuldades que a família mais percebe no cotidiano da criança?

IV. Quais os pontos positivos que se nota no desenvolvimento da criança (interesse, habilidades...)?

E A criança, a escola e a família:

I. Em sua opinião, como a escola pode ajudar o aluno (seu filho) para seu desenvolvimento?

II. O que acha que está faltando para M. na instituição?

III. O que você como mãe, espera da escola? Acha que poderia ser mais presente na vida escolar do seu filho? O que sugere?

IV. O que ele precisa para ser feliz?

Apêndice B –Entrevista Degravada

Na entrevista degravada abaixo, o nome da mãe e do aluno são fictícios.

Pesquisadora: Fala-me como foi o desenvolvimento do Marcos Como você o acompanhou o desenvolvimento dele?

Letícia: Como assim? Na escola?

Pesquisadora: Também. Vamos iniciar falando sobre o período da gravidez. Como você passou esse período? Foi uma gravidez tranqüila? Teve alguma complicação?

Letícia: Não, foi tranqüila. Apesar da minha mãe não aceitar e o meu pai também, mas ai depois eles aceitaram, ai foi tranqüila.

Pesquisadora: Usou algum tipo de medicamento? Nada?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Foi uma gravidez tranquila então né?

Letícia: Foi

Pesquisadora: E em relação ao desenvolvimento físico dele. Ele cresceu normalmente ou ele teve alguma complicação no seu desenvolvimento físico?

Letícia: Não, ele não apresentava nada... assim... anormal não. Assim, brincava, participava, comia tudo, nunca teve alergia, nunca teve essas coisas assim... ele é bem ativo.

Pesquisadora: E sentar, por exemplo? Ele teve um período certo pra sentar? Andar? Quantos meses mais ou menos ele sentou? Você lembra?

Letícia: Não

Pesquisadora: Andar?

Letícia: Ele começou a andar com um ano, mas é porque a gente não “botava” ele pra andar, aí às vezes ele levantava segurado nas coisas, aí andava. Aí uma vez eu que falei né? “ah, ele tem que né...” já ia fazer um ano e ainda não andava aí também quando parou de segurar assim... botei ele brincando ...começou a andar, correr...

Pesquisadora: E para comer sozinho? Ele começou a comer sozinho... você incentivando? Como que foi?

Letícia: Comer sozinho foi mais difícil porque ele sabia comer, só que a minha mãe... como era primeiro neto, dava até os oito anos, comida na boca .

Pesquisadora: Até aos oito anos?

Letícia: Até os oito anos. Inclusive o médico falou pra ela parar senão ele ia ter preguiça de comer. Aí quando a minha mãe faleceu que ele passou a comer sozinho, com oito anos né? Ele comia só que foi mais difícil, ele realmente não queria comer porque tinha preguiça comer sozinho.

Pesquisadora: No período da infância quem cuidou dele? Foi você ou foram os avós?

Letícia: Até os dois anos fui eu.

Pesquisadora: Os dois?

Letícia: É. Até os dois anos. Aí eu comecei a trabalhar e chegava em casa a noite. Então a maior parte do tempo ele ficava com a minha mãe.

Pesquisadora: E a relação do Marcos com a família? Com seus pais, com você, com as pessoas adultas? Como que é (era)? Era tranquila?

Letícia: Era.

Pesquisadora: Ele era agressivo?

Letícia: Não.

Pesquisadora: E com criança? Como ele se relacionava?

Letícia: O problema do Marcos é porque ele não brinca com crianças da idade dele. Só abaixo.

Pesquisadora: Crianças com idades inferiores né?

Letícia: É.

Pesquisadora: Quando ele está brincando ele lidera a brincadeira ou ele é liderado? Ou ele só aceita o comando das outras pessoas?

Letícia: Só aceita os comandos.

Pesquisadora: O processo de escolarização dele, quando começou? Quando ele foi à primeira vez pra escola?

Letícia: A primeira vez eu acho que ele estava com uns sete anos ou seis, não me lembro.

Pesquisadora: Era mais ou menos nessa idade?

Letícia: Era.

Pesquisadora: Ele teve alguma dificuldade de adaptação?

Letícia: Não, porque ele ficou um ano na creche, então pra ele foi normal.

Pesquisadora: Então antes dele ser matriculado numa escola de ensino regular ele frequentou uma creche?

Letícia: Foi

Pesquisadora: Ele sempre frequentou escola de ensino regular ou já frequentou escola de ensino especial?

Letícia: Não, ele não estudou em ensino especial não.

Pesquisadora: Então ele teve contato anterior com creche?

Letícia: Uhum.

Pesquisadora: O período que ele começou a ser alfabetizado, você lembra alguma coisa assim...(como foi o período de escolarização do Marcos?)

Letícia: Foi na creche.

Pesquisadora: Foi na creche que ele começou a escolarização?

Letícia: Foi.

Pesquisadora: E nesse período, tem alguma coisa que marcou assim... para família no período da escolarização dele? Alguma coisa que tenha chamado a sua atenção? Algum desenvolvimento diferente? Alguma aprendizagem diferente?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Não? Não tem nada que você quisesse citar, uma coisa legal que aconteceu?

Letícia: Assim... Quando ele estava na escola, e ele escrevia só com letra de forma e ele passou a escrever com letra cursiva, pra ele foi... (risos)

Pesquisadora: Então isso foi uma coisa boa que aconteceu com ele?

Letícia: Foi, porque ele ficou maravilhado com a letra cursiva. Nossa! Ele ficou...

Pesquisadora: Ele gostou de ter aprendido né?

Letícia: Demais!

Pesquisadora: No processo de alfabetização dele, demonstrou muita dificuldade no processo de alfabetização pra poder aprender a ler e a escrever?

Letícia: Não!

Pesquisadora: Não teve? Foi tudo tranquilo?

Letícia: Uhum... Mas assim... eu acho que ele demorou muito a aprender a ler.Mas...

Pesquisadora: Então quer dizer que para o processo de alfabetização, pra ele aprender a ler, ele já teve um período mais longo pra conseguir. Foi?

Letícia: Foi.

Pesquisadora: Quando foi que percebeu que seu filho tinha esse diagnóstico? Essa deficiência?

Letícia: Foi com cinco anos.

Pesquisadora: Com cinco anos você começou a perceber?

Letícia: Não! Assim... Eu não percebia, porque essa deficiência que eu tenho é do meu pai. É genético. Ai meu pai fez uma consulta no Sarah e no Sarah examinou meu pai e depois o médico pediu para examinar os filhos, ai chamou eu e minha irmã. Minha irmã não tem nada e eu já tenho. Ai perguntou se a gente tinha filhos, o da minha irmã não tem nada e o Marcos já tem. E o Marcos foi mais afetado do que eu. Até o médico falou que cada geração a tendência é piorar.

Pesquisadora: Então quem levantou a suspeita dessa deficiência foi o próprio médico?

Letícia: Foi.

Pesquisadora: O que vocês fizeram quando tiveram o resultado?

Letícia: A gente continuou tratando ele como antes, como uma criança normal.

Pesquisadora: ele já estava na escola nesse período?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Nem na creche?

Letícia: Nem na creche.

Pesquisadora: Quando ele começou a estudar, quais os questionamentos que os professores fizeram sobre o Marcos? Em relação à educação, comportamento... Tudo dele? Algum professor fez algum comentário?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Fez algum levantamento a respeito?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Sobre rendimento escolar?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Nada?

Letícia: Nada.

Pesquisadora: E o rendimento escolar dele nesses últimos anos? Com você vê? Melhorou? Ficou estacionado? Teve algum progresso?

Letícia: Ele teve progresso depois que ele veio para essa escola.

Pesquisadora: Foi?

Letícia: Não é... como fala? É... fazendo coisa com a escola. Porque na outra escola a professora não tinha interesse nele, não cobrava dever. E ai mãe dele (da criança que estava na hora) que cuidava do Marcos não ajudava nas tarefas de casa...era assim...se fez, fez, se não fez...a professora não estava nem ai.

Pesquisadora: Tanto faz né?

Letícia: É.

Pesquisadora: Quais são as dificuldades que você encontra? No dia a dia dele?

Letícia: Ah! Nenhuma.

Pesquisadora: Não percebe nenhuma dificuldade

Letícia: Não. Ele brinca, assiste televisão, mexe em coisas que nem eu sei fazer, a televisão dele tem vídeo game, ele liga... eu não sei

Pesquisadora: Então ele já tem algumas habilidades?

Letícia: É. Ele que está me ensinando a jogar ultimamente. Porque não tem ninguém pra jogar com ele, então eu tenho que ajudar né?

Pesquisadora: É...

Letícia: E é tranquilo em casa. Sabe “botar” comida dele, sabe tomar o banho dele, sabe ver a roupa dele entendeu? Quando estou lavando roupa, às vezes ele estende as roupas pra mim,

Pesquisadora: Então esses são os pontos positivos que você nota no desenvolvimento dele?

Letícia: Uhum.

Pesquisadora: Em sua opinião, como é que a escola pode ajudar o seu filho no seu desenvolvimento? Pra ele desenvolver mais?

Letícia: Não tenho a mínima ideia.

Pesquisadora: Você não tem ideia em que poderíamos ajudá-lo mais?

Letícia: Somente nos estudos

Pesquisadora: No caso o interesse maior é que ele se aprofunde mais nos estudos, o que é passado em sala?

Letícia: É. Porque em casa ele é tranquilo, assim... coisas de menino normal. Ele brinca, almoça, janta, lancha, toma café da manhã, toma banho direitinho. Às vezes ele quer conversar com os amigos, “bota” DVD, “bota”... brinca de vídeo-game. A única coisa que eu acho... assim...eu acho feio porque ele é grandão e fica brincando com criança menor do que ele.

Pesquisadora: Mas em relação a nossa instituição escolar, você acha que falta alguma coisa para o Marcos desenvolver mais? Você acha que está tudo bom ou poderia melhorar?

Letícia: Eu queria que ele estudasse tempo integral.

Pesquisadora: Você acha que o período integral seria mais interessante? Por quê?

Letícia: Não...porque assim...pra ele desenvolver mais nos estudos. Minha preocupação é mais nos estudos mesmo. Porque ele fica em casa brincando, quando é a tarde ele dorme...

Pesquisadora: Você se considera uma mãe presente na vida do Marcos? Na vida escolar, pessoal?

Letícia: Agora.

Pesquisadora: Agora você se considera presente?

Letícia: É. Eu larguei o emprego justamente pra ficar com ele. No caso por causa da minha deficiência e também pra ficar com ele. Inclusive me arrependo porque está tão difícil pra mim porque eu fui tentar o INSS, não tinha depositado o INSS, ai complicou mais pra mim.

Pesquisadora: Você sabe que trabalhamos muito com parceria né? Família e escola. Você disse que agora é uma mãe presente. Então, em que a escola pode te auxiliar de que forma? O que você sugere? Acha que dessa forma está bom ou você espera algo mais?

Letícia: É como eu falei... pra mim tá bom. Assim... porque..ainda bem que ele pegou uma professora boa, que ele gosta muito, ele fala muito...

Pesquisadora: Que bom. Obrigada!

Letícia: ...e vi que ele teve interesse, e tem interesse, na outra ele não era assim não. Ele ficava meio desligado né? E agora não, eu vi que ele está mais ativo, mais interessado...

Pesquisadora: Que coisa boa. Hoje você vendo todo o desenvolvimento do Marcos da vida dele desde o iniciozinho, quando ele ficou com os avós, dele estar aqui em nossa escola. Então você conhece bem o seu filho. Hoje, observando o filho que você tem, o desenvolvimento que ele tem, mesmo com a deficiência que ele tem. O quê que você acha que ele precisa para ser feliz?

Letícia: Nada.

Pesquisadora: Ele já é uma criança feliz?

Letícia: É.

Pesquisadora: Ah! Então que bom!

Letícia: Porque ele não é uma criança “entrona”, pede licença, trata todo mundo como tio e tia, entendeu? Respeita muito as pessoas. Ele... às vezes faz coisa errada e eu brigo ele fica só na dele, as vezes chora mas não..não é aquele menino que responde,ele não agride.

Pesquisadora: Ah! Entendi.

Letícia: Agora eu passo a ouvir as coisas que ele fala, a gente tem que dá atenção né? Mas...tranqüilo.

Pesquisadora: Que bom então né? Então Marcos, está quase completo né? Agora é só crescer. EntãoLetícia. É só isso mesmo.

ANEXOS

Anexo A -Carta de Apresentação – Escola



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

Centro de Ensino fundamental XXX do Recanto das Emas/Distrito Federal.

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: Coleta de Dados para Monografia

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilândia), além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio dos telefones nº.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista **CRISTIANE ALVES CARDOSO** sob orientação, **PATRICIA CRISTINA CAMPOS RAMOS** cujo tema é: **ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM COM O DEFICIENTE INTELECTUAL**, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) 31076831 ou por meio dos e-mails: pcamposramos@uol.com.br (Patrícia – Orientadora)

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar

Anexo B – Termo de Consentimento Livre esclarecido – Professor (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre **Estratégias De Ensino Aprendizagem Para o Deficiente Intelectual** Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: **portfólio do aluno para fins de resultados do processo ensino-aprendizagem, registros de atendimento na sala de recursos; comparação do desenvolvimento escolar com a adequação curricular, entrevista com a mãe do aluno ou familiar para conhecer a trajetória educacional do aluno.** Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (61) xxxxxxx ou no endereço eletrônico KRISTALVES@HOTMAIL.COM .Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

CRISTIANE ALVES CARDOSO

Orientanda do CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR - UAB / UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia da UnB, por meio da Universidade Aberta do Brasil / Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre **Estratégias De Ensino Aprendizagem com o Deficiente Intelectual**. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores que atuam neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: **portfólio do aluno, para fins de resultados do processo ensino-aprendizagem, registros de atendimento na sala de recursos, comparação do desenvolvimento escolar com a adequação curricular, entrevista com a mãe do aluno ou familiar para conhecer a trajetória educacional do aluno.**

Para isso, solicito sua autorização para sua própria participação e, também, a de seu(sua) filho(a), no estudo que realizaremos.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você e/ou seu(sua) filho(a) poderá(ao) deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar(em) e isto não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (61) 98122528 ou no endereço eletrônico kristalves@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Cristiane Alves Cardoso

Orientanda do Curso De Especialização Em Desenvolvimento Humano, Educação E Inclusão Escolar - UAB / UnB

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____ neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

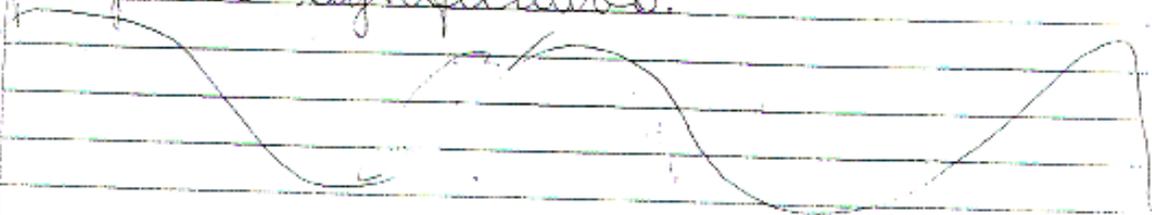
E-mail (opcional): _____

4. História Familiar:

A criança atualmente mora com a avó materna e seus companheiros, estes ganharam na justiça a guarda do menor, conforme documento em anexo. Conforme este recibo do responsável, M vive morar com eles devido a maus tratos causados pela mãe. Mantém um bom relacionamento com as avós, estes estendem que M é "especial" e precisa de cuidados diferenciados. No momento está convivendo somente com a avó, pois a avó está com problemas de saúde e se encontra fora de casa. O Sr. Carlos diz estimulá-lo sempre quanto à alimentação, autoconfiança, observa que está progredindo nas suas relações sociais.

5. História Escolar:

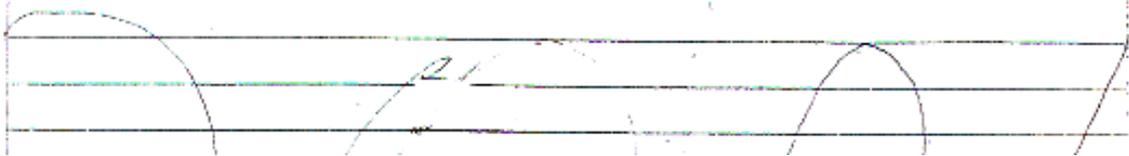
O aluno frequentou a pré-escola, cursou a 1ª série do ensino comum em 2005, não conseguindo desenvolver suas habilidades e competências para ser promovido para a série seguinte. Apresenta dificuldades de concentração e assimilação das atividades propostas, com baixo rendimento escolar, demonstra atitudes de agitação e inquietação, necessitando de orientação e auxílio individual para realização de quaisquer atividades. M foi acompanhado pedagogicamente em horários contrários (refeição escolar) mas seu desenvolvimento acadêmico foi pouco significativo.



6. Avaliação Psicopedagógica:

O aluno informou dados pessoais incompletos. Escreve apenas o próprio nome. Relata fatos da vida diária, mudando de assunto em alguns momentos. Apresenta demora na assimilação de comandos, gosta de desenhar, apresentando o desenho da pessoa humana com pobreza de detalhes. Reconhece as partes do corpo (apenas as mais usuais). Identifica cores e formas, reconhece n° até 9, grafando os mesmos, alguns fora de ordem e espelhados, apresentando dificuldade na associação de número e quantidade. Apresenta curiosidade em montar quebra-cabeça, empilhar e construir com blocos lógicos, verbaliza ações, fez ensaio, necessitando porém de interações para a concretização das mesmas. Apresenta ^{atencional} ^{agitação} dificuldade em ouvir comandos, mas os fez de maneira rápida e demonstrando compreensão.

Encontra-se no nível silábico intermediano na psicogênese da escrita. Já é capaz de reconhecer o alfabeto, registra vogais e algumas consoantes, principalmente as do seu nome; não consegue, no momento, juntá-las na formação de sílabas.



7. Conclusão:

O aluno apresenta quadro de distúrbio mistônico de Steiner, podendo causar comprometimento cognitivo. Faz acompanhamento médico anual na Rede Sarah, usa óculos.

Na avaliação psicométrica, apresentou indícios de déficit cognitivo, observando comprometimento na comunicação, socialização e coordenação motora.

Apresentou agitação e inquietação, dificultando sua concentração na realização das atividades propostas.

De acordo com as avaliações realizadas constatou-se que no momento o aluno apresenta defasagem no seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor, devendo ser matriculado em turma de Integração Inclusiva de 1º série alfabetização atendido em sala de apoio em horário contrário as aulas. Observamos que a criança necessita de intervenções mais individuais, para que possa melhor desenvolver-se, tanto por parte da escola quanto da família.

Data: 02/05/06

Assinaturas:

— pedagoga

Psicóloga
CRP

Anexo E – Relatório de Apoio ao Docente

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA
DIRETORIA DE APOIO PEDAGÓGICO
GERÊNCIA DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO
NÚCLEO DE ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO



Relatório de Apoio ao Docente

GRE: Ricardo das Omas Equipe Polo: _____

1. Identificação.

Nome: _____
Data do Nascimento: _____
Unidade de Ensino: CEF Telefone: _____
Número de Inscrição: _____
Nome do Pai: _____
Nome da Mãe: _____
Endereço Residencial: _____
Telefone Residencial: _____

2. Motivo do encaminhamento.

Aluno com diagnóstico de distrofia miotônica de Steinert apresenta de um baixo rendimento escolar.

3. Conclusão.

Aluno com distrofia miotônica que pode causar um comprometimento cognitivo leve. Encaminha-se para a equipe de Apoio a Aprendizagem por não ser apresentando rendimento escolar.

Aluno avaliado psicometricamente e esta apresentou indícios de um déficit cognitivo. Observou-se um comprometimento na comunicação, socialização e coordenação motora. Apresenta no momento significativas dificuldades na aquisição de habilidades acadêmicas.

4. Encaminhamentos:

Atendimento em sala de apoio.
 Reavaliação psicométrica.
 Avaliação subjetiva.
 Avaliação pedagógica.

5. Estratégias que facilitem o acesso do aluno à aprendizagem.

Aluno necessitando de acompanhamento em sala de apoio com um trabalho individualizado que visem estimular a sua comunicação e socialização.
 Trabalho em sala de aula que explorem a ótima coordenação motora.

6 Assinaturas

Representante da Unidade de Ensino: _____

Pedagogo: _____

Psicólogo: _____

Orientador Educacional: _____

Professor Regente: _____

Itinerante: _____

Pais ou Responsável: _____

Data: 02/05/06

Anexo F – Relatório MédicoRELATÓRIO MÉDICO

PACIENTE :
 PRONTUÁRIO :
 MEDICO :
 DATA :

..., nascido em de novembro de 1997, teve admissão no SARAH em dezembro de 2000. Tem diagnóstico já estabelecido de distrofia miotônica de Steinert, tendo vários membros da família, inclusive avô materno já falecido com diagnóstico da doença:

- Seu último retorno ao SARAH ocorreu em outubro de 2002.

O menino tem face levemente alongada, com certa atrofia da musculatura em região temporal. Tem história de atraso neuromotor leve, com desenvolvimento da marcha com cerca de um ano e seis meses.

A distrofia miotônica de Steinert é caracterizada basicamente pela presença de fenômeno miotônico, usualmente mais evidente em membros superiores, associado a certa fraqueza muscular, afetando seguimentos proximais de membros e também a face. A doença é decorrente de uma mutação dinâmica, envolvendo trinucleotídeo CTG. A doença ~~decorre de uma mutação em gene localizado no braço longo do cromossomo 19 (na maioria dos casos), havendo pelo menos, outra variante. Não há um tratamento específico para a patologia, embora em casos de fenômeno miotônico muito marcado, medicações tais como difenil-hidantoína e Carbamazepina sejam utilizadas como tratamento paliativo.~~

Além da fraqueza e da miotonia, a doença leva também a outras manifestações que incluem cataratas de início relativamente precoce (terceira década), calvície frontal em homens, miocardiopatia e arritmias e ocasionalmente comprometimento cognitivo leve. Na forma congênita da doença, sempre de herança materna, há marcada hipotonia no primeiro ano de vida, associada a intensa fraqueza e grande atrofia da musculatura facial, e geralmente um retardo cognitivo leve a moderado.

No caso deste menino, embora seja a doença evidentemente herdada da família materna, não temos elementos para caracterizar a forma congênita. O padrão de herança, autossômico dominante, implica em risco de 50% de recorrência para filhos de um afetado.

É conveniente acompanhamento clínico e nos adolescentes e adultos, avaliação periódica incluindo, eletrocardiograma e, se possível, ecocardiograma a cada 2 anos.

Estamos à disposição para maiores esclarecimentos.

C.I.D.: (distrofia miotônica).

Mevl/mmsr...

Anexo G - Relatório Descritivo (desempenho escolar)

REGISTRO DESCRITIVO

Espaço destinado para o registro dos aspectos que determinaram o conceito final atribuído ao aluno quando marcado como Parcialmente Satisfatório - PS e ou Não Trabalhada - NT

1º Bimestre:

[Linha decorativa diagonal]

Assinatura do professor / Matrícula

Assinatura do responsável pelo Aluno e Data

2º Bimestre:

O aluno chegou ao primeiro dia de aula com a documentação em ordem e participou ativamente durante o período de aula. Foi muito participativo e sempre quis fazer perguntas e tirar dúvidas. Foi muito esforçado e sempre quis aprender mais. Foi muito esforçado e sempre quis aprender mais. Foi muito esforçado e sempre quis aprender mais.

Assinatura do professor / Matrícula

Assinatura do responsável pelo Aluno e Data

3º Bimestre:

O volume volumétrica, interesse, em vez de por as rotinas de provas. Foi feita algumas. Tinha e produziu. Fases sem compreensão. Perceber e numerar até 100. Algumas vezes deixa de realizar por as rotinas de planejamento mais da família. Fala ouvindo e realizando sem duas. Um de material concreto.

Os conteúdos marcados NT. Serão trabalhados de acordo com a necessidade do aluno.

Assinatura do professor / Matrícula

Assinatura do responsável pelo Aluno e Data

4º Bimestre:

O volume volumétrica, avanço e independência nas rotinas que envolvem leitura e escrita. Resolver situações simples de adição e subtração com material concreto. Ainda não consegue abstrair estes conceitos. Alguns de rotinas algumas atividades de caso de problemas. Se possível, pouco presente quando solicitado a recitar. Alguns mais vezes ouviram-se de. Não lê o volume escrito, mas se motiva com rotinas subscritas.

Assinatura do professor / Matrícula

Assinatura do responsável pelo Aluno e Data